

Dos Irmãos e seu mistério

O fio da história não é linear, mesmo quando aqueles que o vivem se situam no plano imediato.

É verdade que existe a história cronológica e que esta se baseia num conjunto de acontecimentos que se vão expressando por uma continuidade.

Paralelamente a esta continuidade existirão outras forças (chamemos-lhes arquétipos) que impregnando o inconsciente colectivo e individual, fazem emergir aspectos que desencadeiam a repetição cíclica ou o salto no desconhecido. Estes movimentos, lineares por um lado, descontínuos por outro, são paralelos e a nenhum deles podemos com propriedade tudo atribuir.

A história dos Irmãos não faz parte da História, mesmo que os seus actos dela façam parte. Movidos por forças de ordem transcendente, as suas acções espelham a intemporalidade.

A história dos Irmãos é a história das almas em manifestação temporal e da sua encarnação sucessiva para dar corpo à Obra.

Vindos das estrelas, dormem em vida suspensa, depositados os seus invólucros carnis nessas naves luz que, pairando em orbita numa dimensão paralela ou ocultos em cavernas profundas, lhes servem de lar e refúgio. É assim desde sempre e para sempre será a menos que esta humanidade, sua filha e herdeira, ultrapasse a barreira psicológica do egoísmo que faz odiar o irmão e amar o abismo. É assim há tanto tempo que já nada recordamos e sobre essa época só restam lendas.

Sobre o antigo Egipto temos mitos, sobretudo aquele de que a civilização terá começado ali. Na verdade até pode ter começado, sobretudo se pensarmos que sob o símbolo Egipto se esconde, não a realidade geográfica que lhe associamos, mas uma espécie de terra simbólica ou mistura de diversas épocas.

O Egipto dos mestres não é o Egipto de que a História fala. O Egipto dos mestres foi uma civilização que se estendeu por todo o planeta e que em certos lugares, escolhidos pelo seu telurismo, criou focos de cultura e humanidade cruzando espécies e depositando sinais. Portugal (ou melhor, a Lusitânia) será um desses lugares.

Na bandeira da nação lusa, numa genial intuição ou antecipação do futuro, alguém colocou os sete castelos da Iniciação. É assim, desta forma estranha e às vezes absurda, que a realidade emerge e os homens, ou veem porque sabem, ou passam ao lado e não dão conta.

Na bandeira, toda ele símbolo e analogia como diria Pessoa, estão os lugares reais da Obra dos Irmãos. Mas também o próprio mundo, já não é apenas na configuração limitativa das terras e dos continentes, mas na liberdade espiritual que os suporta. Está ainda, para quem queira ver, no cruzamento das linhas e na figura da cruz, esse reino agartino enquanto lugar central para onde convergimos. Por último, mas não menos importante, nos campos verde e vermelho que, unidos darão lugar ao ouro filosófico da esfera armilar (ou Obra realizada) as forças básicas, casadas e unidas na realidade maior que é a própria Obra. É isto tudo e muito mais que a bandeira oculta.

Aos Lusos sucedeu Portugal. À fase do projecto de espalhar a luz e definir os contornos da civilização planetária através de povos organizados em núcleos restritos, sucedeu a de encabeçar a Europa e de lhe dar um rumo.

De onde a independência, a fase das Descobertas, a busca do reino do Pai João. Mas também ciclicamente o emergir de dinastias que, fruto da genética celeste e terrestre, encarnam e manifestam o casamento alquímico do Céu com a Terra através do Rei e da Rainha.

Foi assim com Dinis e Isabel para anunciar os alvares de uma nova dispensação. Época que estamos tacteando na ideia de haver um Quinto Império que sintetize os quatro que já houve.

Sobre o Quinto Império podemos imaginar quase tudo, sobretudo se recuarmos ao simbolismo das festas do Espírito Santo que desde Dinis e Isabel se organizam.

Vejam as ideias chave: coroação do Menino Imperador (ou seja, do Rei do Mundo); abertura das prisões e libertação dos cativos (libertação das prisões carnis e ideológicas); partilha e distribuição dos bens (dar a cada um segundo as suas necessidades); entronização da pomba enquanto força do Espírito Santo (assumir que a nova era, regida pela Criança, representa um salto qualitativo e não uma mera continuidade).

Portugal titubeou face à dimensão da missão que lhe era pedida, titubeou e perdeu-se: ou não?! Divergem as opiniões.

Para uns sim e por isso a necessidade de expiar em Alcácer Kibir os pecados da gula, do egoísmo, e da riqueza inútil. Para outros não, porque afinal Portugal fez as Descobertas, contribuiu para aproximar os povos, gerou cultura e fez-se grande, tão grande que chegou a tentar intitular-se Centro do Mundo e, ao Rei de Portugal, pela mão da Igreja, houve quem o coroasse Imperador.

Era assim o Portugal imperialista de antes do terramoto e mesmo depois deste continuou sendo através desse projecto urbanístico que criou uma rua Augusta, tendo a ladeá-la uma de Ouro e outra de Prata, todas desembocando

numa praça onde tutelavam os poderes simbólicos e reais das artes, dos ofícios, dos políticos e da finança.

Como estranhar o absolutismo de reis e de ministros que, assumindo-se ou supondo-se mensageiros de Deus na Terra, exorbitaram os poderes que a orientação das populações lhes concedia? Ou até, mais perto de nós mas não menos estranho, esse absolutismo de Salazar que, copiando o pior dos reis “por direito divino”, acabou por se assumir como uma espécie de messias de um estado novo?

Cópia em segunda mão desse outro messias que havia de conduzir a Alemanha para o cadafalso? Na verdade não: Salazar reinou e viveu como um monge. Preferiu às luzes da ribalta o silêncio do claustro. Também não consta que tivesse alguma vez adorado os deuses antigos, pelo contrário.

Época estranha a de Salazar de Hitler de Mussolini e de Franco, onde de repente emergiram forças contracionárias em resposta à revolução bolchevique, e onde os ditadores apareceram vestidos com sinais messiânicos, encarnando e invocando os abismos da psique.

São estes os sinais do tempo: palcos improvisados onde se celebra a entronização de forças obscuras.

Para onde vai o mundo? Vai para onde decidirmos! Vai para o abismo do absolutismo despótico ou para a glorificação da Criança na edificação do reino do Espírito Santo.

É o Homem que escolhe - o Homem e aqueles que por ele velam.

*João Crisóstomo
Amarna, Setembro de 2004*